

## **MAIS VALE TARDE**

### **Conto de Natal**

Os dois homens haviam travado amizade, por força da sua condição, nas voltas da avenida bordejada por montras que exibiam os preços do luxo. Conhecidos no meio pelo Doutor e pelo Maravilhas, um deles dado às filosofias de magra audiência e o outro às memórias de um passado de aventuras que suscitavam o fascínio dos crédulos e as reticências dos desiludidos, naquele Dezembro chuvoso puderam confrontar-se a pretexto de dividirem entre eles o agasalho roído pelo uso e os néctares do vasilhame, mas sobretudo no calor das confidências acerca da fé ou da falta dela. O Doutor, veemente enquanto desfiava as razões do seu agnosticismo, não cria pagar pelos pecados, nem tão-pouco via futuro onde fosse resgatado da pobreza e dos males do velho corpo. O Maravilhas exalava, entre os goles de aguardente, a crença no Nazareno, Esse que dera testemunho para os vindouros de como se enfrentam os poderosos, sem recusar a casa dos simples e o consolo das adúlteras, apologista do perdão e da esperança. Em vão, em vão o Maravilhas tentou demover o amigo de ficar só, encolhido no vão de escada, enquanto se fazia a romaria para a Ceia oferecida numa cantina, com direito a banho antes do caldo quente, uma espécie de oásis na aridez dos dias, onde a tristeza dos rostos tinha direito ao sorriso por uma noite. E o Maravilhas lá foi, sem companhia. Debruçado sobre o prato, com a melena húmida e os pés mornos, fez de instinto uma oração pela sorte do Doutor. As montras da avenida tinham luzes festivas a tremelicar sobre o silêncio dos manequins. Até que, no final da consoada, uma jovem anfitriã aproximou-se e ofereceu ao Maravilhas a sua prenda, inesperada, aceite num lampejo de lembrança pela infância perdida no tempo. E então o Doutor? Não foram precisas muitas palavras, as suficientes para a rapariga perceber que estava perante um caso especial. E lá foi o nosso homem ao encontro do companheiro, devagar por entre a neblina nocturna. Já perto do abrigo, pôde aperceber-se de um ajuntamento, coisa rara àquela hora, e tremeu. Era o amargo da sua vida que viera sem se fazer anunciar: o Doutor tinha-lhes pregado uma partida, fora filosofar para onde moram as memórias e as sombras dos passos, o corpo já fora removido, tinham ficado no chão os dois cartões cúmplices do derradeiro sonho. Uma hora mais tarde, era como se ali nada tivesse acontecido. O Maravilhas tirou do bolso a prenda que trazia com ele, desatou-lhe o laço, rasgou o papel e abriu a caixinha: lá dentro estava um pequeno crucifixo prateado.

**Luís Vendeirinho**